

Claustro da abbadia de Monreale na Sicilia

Monreale é uma pequena cidade da Sicilia, edificada sobre o monte Caputo, a curta distancia de Palermo, contendo perto de treze mil habitantes. Embora os terrenos apraziveis e a fertilidade do solo deem a Monreale um aspecto agradável, contudo, o que a faz realçar, e a torna, por assim dizer, notavel em toda a Sicilia, é a sua abbazia de benedictinos. Representa a nossa gravura o interior de um dos claustros, e pelo simples desenho se pode avaliar a magnificencia delles. Quanto a architectura mourisca pode produzir de mais primoroso e até mesmo exquisito, tudo se admira nas columnas, nos capiteis, nos mosaicos destes claustros. O mosteiro de Monreale é a *Alhambra* da Sicilia; os viajantes que o tem admirado são uniformes em tal opinião, e asseveram que poucos monumentos se poderão contrapor á romantica, luxuosa e soberba morada dos benedictinos. O que era supremacia e glória, isso ja ella o perdeu, e ja a onda revolta do tempo lhe levou os esplendores maiores do seu passado: o que as revoluções e os progressos não tem destruido, e a que, pelo contrario, tem augmentado a valia, é ao sem numero de bellas, de verdadeiros encantos que se ostentam. Por baixo daquellas arcadas silenciosas não desfila a magna cohorte dos

encapuzados, nem os cantos acordarão com rumor tão fundo os ecos das abobadas; mas no centro desses claustros não deixou ainda de correr a agua crystallina, nem os tanques perderam os seus marmores arrendados.

O poetico da natureza e o maravilhoso do edificio subsistem ainda, e subsistirão sempre. São estes os legados do tempo, legados que as gerações aceitam agradecidas. Pode a roda implacavel das sociedades, no seu girar vertiginoso e eterno, pode ella esmagar os homens e as doutrinas e deixar que nesses terrenos esboroados se rasgue o sulco donde germinará o futuro; o que nunca fará de certo é arrazar o que a mão da arte elevou com mais carinho e esmero. O convento de Monreale, como instituição religiosa, decaio, sem duvida, apesar do seu abbade ter ainda o titulo e as honras de arcebispo; como primor de architectura, como capricho artistico é tão notavel agora como quando os normandos o erigiram. A construcção desta rica abbazia foi feita pelo principe Guilherme II no duodecimo seculo. Os successores de Rogerio continuaram exornando e alinhando o edificio, dando sobretudo aos claustros as maiores proporções de riqueza. A igreja, que está contigua ao convento, se não prima, como este,

pelo bom gosto das ornamentações, tem, apesar disso, objectos de um valor e de um trabalho inestimáveis. As columnas interiores são de granito, e o pavimento é todo coberto de porfido; as paredes são forradas de valiosos mosaicos e a porta principal, de bronze e cheia de baixos relevos, passa por uma das mais perfectas obras primas.

É esta, em resumo, a importancia desse mosteiro da Sicilia, mosteiro que tem causado o espanto e as graves apreciações dos viajantes. A denominação de *Alhambra*, de que o convento de Monreale goza ha tanto, dá mais do que todas as descripções a medida exacta das suas bellezas. Que portento não deverá ser aquelle que se pode comparar com a perola de Granada!

AS CORTES PORTUGUEZAS ANTIGAS

Rapida noticia da sua natureza e constituição; e apontamentos de alguns pedidos dos povos

Il n'est acte tant digne d'un roi, et si propre à lui, que de tenir les États, et de donner audience générale à ses sujets. — *Le Chanc. de l'Hopital.*

Les états généraux, qu'ils convoquèrent dans des besoins pressants pour obtenir des subsides, et qui furent composés des trois ordres de la nation, du clergé, de la noblesse et du tiers état, n'eurent jamais une existence régulière. Intervenues pendant que la prérogative royale était en progrès, ils furent d'abord dominés, puis supprimés par elle. — *M. Mignet.*

Não ousaria eu, nem por sombras, presumir que podesse dizer cousas novas aos sabedores: *doctus non est docendus*, é a divisa do meu respeito para com elles; e se me abalanço a dizer aqui duas palavras sobre o assumpto que deixo indicado, é porque desejo repartir os fructos das minhas leituras com a porção do publico, para quem o *Jornal* é o livro, em rasão de não lhe so-bejar tempo para compulsar muitos escriptos.

Satisfazer a curiosidade que supponho existir no maior numero de leitores, ou apontar alguns tópicos de estudo aos que pretenderem ir mais além... tal é o alvo a que aliro.

Entrarei na materia sem mais preambulos. (1)

I

Se houvessemos de encarar as cousas á luz dos principios da *Deducção Chronologica*, forçoso fôra estabelecer a seguinte theoria:

Nos primeiros tempos da monarchia portugueza não houve tribunaes privativos para as diferentes repartições do governo, nem magistrados territoriaes que administrassem justiça aos povos;

(1) Para evitar a repetição de citações, direi que tive presentes os seguintes subsidios:

Memorias para a historia de Portugal, que comprehendem o governo d'El-Rei D. João I., por José Soares da Silva; — *Deducção Chronologica*; — *Memorias para a historia d'El-Rei D. Sebastião*, por Diogo Barbôsa Machado; — *Memoria sobre as fontes do Código Filippino*, por João Pedro Ribeiro; — *Memorias para a historia e theoria das Côrtes Geraes...* pelo visconde de Santarém; — *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal*, por M. A. Coelho da Rocha; — *Mappa de Portugal*, por João Baptista de Castro; — *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, e Provas*; *Monarchia Lusitana*; *Justa acclamação do S. R. de Portugal D. João o IV...* pelo Doutor Francisco Velasco de Gouvêa. — Outras obras serão especialmente citadas.

e daqui resultou ser necessario que os Reis percorressem pessoalmente o reino, para ouvirem as queixas, desfazer aggravos, e acudir ás necessidades dos povos. Quando se tratava de interesses pessoaes, ou locaes, os Reis deferiam por meio de decretos ou rescriptos particulares; quando, porém, estavam em scena os interesses geraes, ou os casos maiores que demandavam leis ou edictos geraes, appellavam para o conselho dos povos, celebrando Côrtes nas terras onde tinham por conveniente congregal-as.

Entendia-se que o soberano queria ouvir a muitos, antes de determinar e estabelecer providencias geraes. Os Estados que concorriam a Côrtes requeriam o que julgavam convir aos seus interesses; o soberano ouvia as representações; deferia aquellas que tinha na conta de justas, e rejeitava, com a independencia da soberania, os pedidos, propostas, lembranças, que, ou lhe parecia não carecerem de providencia, ou julgava serem destituídos de justiça.

Sendo assim, não tinham as Côrtes antigas portuguezas a *faculdade legislativa*, senão a *faculdade consultiva*, e, esta mesma, em proporções muito modestas.

— Se esta maneira de ver as cousas parece deduzir-se dos termos imperativos dos monarchas em algumas das respostas que davam, e do papel que os Estados muitas vezes representavam, de supplicantes que sollicitam despachos; — é certo que outros factos e argumentos pôdem fazer ver a importancia que as Côrtes antigas chegaram a ter, e a consideração que mereciam, particularmente quando se tratava de votar subsidios.

Já governavam os Filippes em Portugal, quando a Camara de Lisboa embargou a execução de um alvará, passado pelos governadores do reino, sobre o serviço de oitocentos mil cruzados para El-Rei. A Camara allegou, com a mais louvavel nobreza de sentimentos, e a mais corajosa isenção, que um tal concerto não o podiam fazer os governadores, nem obrigar o povo a pagar, *por ser feito sem consentimento, nem procuração das cidades e logares do reino*. O alvará ficou sem effeito; sendo tanto mais significativa esta opposição, quanto se baseava na promessa que o proprio Philippe II (1.º de Portugal) fizera nas Côrtes de Thomar, de respeitar e guardar os fóros, costumes, e isenções da nação portugueza.

Já na ultima metade do seculo XIV encontramos um documento da alta importancia das Côrtes. E com effeito, as de 1385 impozeram ao novo monarcha, o Senhor D. João I, algumas condições momentosas, das quaes apontaremos aqui as mais significativas: — «E que como os negocios, que pertencem aos povos, devem participar-se-lhes, não se obraria cousa que lhes locasse, sem primeiro ouvir-se, nem lhes imporiam tributos, sem que antes os chamassem, e com a sua direcção, e conselho se buscassem os meios mais suaves para a sua execução, porque não lhes succedesse, como no governo d'El-Rei D. Fernando, que, suggerido pela rainha D. Leonor, obrára com poder despo-

tico quanto lhe parecera, com tão notorio, e grave prejuizo dos seus vassallos.»

E ainda mais: *Que não poderia fazer guerra, nem paz, sem seu consentimento.*

E quem haverá que não tome nota do famoso *preambulo do assento* das Côrtes do mez de janeiro de 1641? Ha por ventura um documento mais expressivo e terminante?

— «E presumo (dizia o *Assento*) por cousa certa em direito, que ao Reyno sómente compete julgar, e declarar legitima a successão do mesmo Reyno, quando sobre ella ha duvida entre os Per-tensores por razão do Rey ultimo falecer sem descendentes, e eximir-se tambem da sua sujeição e dominio, quando o Rey por seu modo de governo se fez indigno de reynar, por quanto este poder lhe ficou quando os povos a principio lhe transferiram o seu no Rey para os governar: nem sobre os que não reconhecem superior, ha outro algum a quem possa competir, senão aos mesmos Reynos, como provam largamente os Doutores, que escreveram na materia, e ha muitos exemplos nas Republicas do mundo, etc.»

Estes principios passaram para a obra celebre do doutor Francisco Velasco de Gouvêa, intitulada: *Justa aclamação do Serenissimo Rey de Portugal D. João o IV*; convertendo-se nas seguintes proposições:

«O poder dos Reys está nos povos e republicas, e delles o receberam immediatamente.»

«Ainda que os povos transferissem o poder nos Reys, lhes ficou habitualmente, e o podem reasumir, quando lhes for necessario, para sua conservação.»

«Pódem os Reynos e Povos privar os Reys intrusos, e tyranos, negando-lhes a obediencia, submettendo-se a quem tiver direito de reinar nelles.»

E não venha a *Deducção Chronologica*, acompanhada do seu odio systematico aos jesuitas, imputar a estes a culpa de taes principios, allegando que os ditos *Regulares* surprenderam a religião e fidelidade dos muitos dignos e respeitaveis varões que fizeram as principaes figuras nas Côrtes do mez de janeiro de 1641. Não venha a *Deducção* dizer que os jesuitas abusaram da innocencia das intenções dos procuradores dos povos, introduzindo no principio das indicadas Côrtes, um *comprehensivo compendio de sophismas e erros*.

Ninguem se atrevêra a contestar aquelles principios nas épocas em que foram estabelecidos pelas Côrtes; e só na segunda metade do seculo XVIII, quando se intentou e conseguiu plantar o absolutismo, foram elles acoimados de *atrozmente sacrilegos*, aproveitando-se o pretexto de maquinações dos jesuitas, que nada tinham de commum com as deliberações das Côrtes de 1385 e 1641.

Se as Côrtes de 1674 foram dissolvidas, como tumultuarias, por haverem querido examinar e fiscalisar as despesas do Estado; se os povos foram levados, á força de desculpas e de subterfugios, e, até, de violencias, a pagar os tributos que não tinham sido votados pelos procuradores das

ciudades e das villas: é certo que nunca jámais se afogou no esquecimento o direito indisputavel, que aos povos assistia. E senão, vejamos.

No aviso dirigido á Camara do Porto em 15 de novembro de 1706, mandou o governo confirmar o lançamento de decimas e contribuições antigas, sem embargo de não serem para esse fim convocadas as Côrtes; mas, expressamente se allegava que não se convocavam as Côrtes — *por causa das despesas, e da urgente necessidade* — e ainda mais, exprimia-se em termos muito cathoricos a promessa de as convocar, *logo que as circunstancias o permittissem*.

Ainda no reinado do senhor D. João V foi sempre reconhecida a prerogativa dos povos. Em carta dirigida á Camara do Porto (25 de janeiro de 1707) mandava-se continuar o tributo das decimas e sizas dobradas, mas, formalmente, se declarava: *sem embargo de se não celebrarem Côrtes, pelos impedimentos que ainda assistem e conheceis*. E em outra carta de 30 de janeiro de 1712 era imposto o tributo do novo usual (quatro reis em cada arratel de carne, e cinco em cada canada de vinho); mas tambem, muito expressamente se declarava: *porque a urgente necessidade assim o pede; sem embargo de se não celebrarem Côrtes, porque a dilação de convocul-as seria mui prejudicial na presente conjunctura, não sendo minha tenção alterar, ou abolir por esta causa os privilegios do meu Reino*.

Certamente é visivel, nestas passagens, o intento de embair os povos com palavras, e de os adormecer com promessas hypocritas; mas, na politica, do mesmo modo que nos dominios da moral, ainda ao menos tem uma certa conta de homenagem que se presta á razão e á virtude.

Vêde como os moralistas encaram a hypocrisia, debaixo de um certo ponto de vista: *É uma homenagem que o vicio rende á virtude*; e repetindo outros a mesma maxima, acrescentam que, não obstante ser odiosa em si mesma, *preserva ao menos as almas fracas do contagio dos ruins exemplos*.

Não se fazia o bem; mas, não se negava o direito que a desfructal-o tinham os povos.

Assim se foi preparando o caminho para essas monstruosas formulas, que nos enchem de indignação nos preambulos das leis da segunda metade do seculo XVIII: *usando do meu regio, pleno, e supremo poder, e da minha real authoridade: quero, mando, e é minha vontade, etc.* Não se invoca a vontade dos povos, legitimamente representados em côrtes, senão *a alta e independente soberania, que o Rei recebe immediatamente de Deus, pela qual manda, quer, e decreta aos seus vassallos, de sciencia certa e poder absoluto*.

— Oh! como vem aqui a proposito a bellissima pagina de um livro celebre de Mme. de Stael!

«Conveniente é repetir a todos os partidarios dos direitos que tem fundamento no passado, — *que a liberdade é que é antiga; mas o despotismo é moderno*. Em todos os Estados europeus,

fundados no principio da idade media, o poder dos reis foi limitado pelos nobres; as *dietae* na Allemanha, na Suecia, na Dinamarca antes da sua Carta de servidão, os *parlamentos* na Inglaterra, as *Córtes* na Hespanha (*e em Portugal*), os *corpos intermediarios* de diversas especies na Italia... provam que os povos do norte trouxeram consigo instituições, que restringiam o poder a uma classe, mas que de modo algum favoreciam o despotismo. Os Francos nunca reconheceram como despoticos os seus chefes. Não se pôde negar que, no reinado das duas primeiras raças, todos quantos tinham o direito de cidadão, isto é, os nobres, e nobres eram os Francos, tomavam parte na governação, etc.» (2)

— De um modo muito conceituoso, e nos termos mais positivos, exprimia D. Francisco Manoel de Mello, na segunda metade do seculo XVII, a opinião geral daquelle tempo sobre as regalias do povo portuguez em materia de imposição de tributos: *segundo os antigos fóros não podem os Principes impor novo tributo, antes que em Córtes seja communicado, pedido, e concedido.* (3)

— No artigo immediato darei uns breves toques da constituição das antigas Córtes.

(Continua.)

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

Fixa anticipadamente um olhar sereno sobre a hora decisiva: essa hora será a ultima para o corpo, mas não para a alma. Considera todos os objectos que te rodeiam como se fossem de uma hospedaria por onde não fazes mais do que passar... Esse dia, esse ultimo dia que faz tremer de espanto, será o dia do teu nascimento para a vida eterna.

SENECA.

A PONTE PENSIL D'ANGLESEA

Entre as muitas obras atrevidas, que o genio do homem chegou a realisar, ostenta-se como uma das mais notaveis a construcção das pontes pensis. Tinham construido já os romanos pontes magnificas e formidaveis, cuja solidez ainda hoje nos espanta. Contemplamos-lhes maravilhados os arcos arrojadissimos cuja curva ousada enquadrava uma vasta porção de atmospheria, e cujos pés, como que enraizados no leito da corrente e banhados pelo rio submisso, tem affrontado os evos e suscido o estrada magnifico por onde passava ufano o povo triumphador do mundo. Mas aos seculos christãos, á civilisação moderna estava reservada a honra de desprezar esses pilares, de arrojar á atmospheria a curva airosa das fitas de ferro, e de traçar no ambiente uma graciosa linha, cuja projecção se estampa no céu como o arco iris da industria humana.

Quem teve primeiro a idéa das pontes pensis?

Ignora-se, e apenas se sabe que em 1615 esse pensamento apparecia consignado numa obra escripta pelo architecto Scamozzi e intitulada *As idéas dos arcos*. Comtudo, parece certo que, antes de se empregarem na Europa, já eram conhecidas na Asia, na Africa e na America.

Isso explica-se facilmente. Nesses paizes de luxuriante vegetação, onde a frescura das aguas e as vivificadoras emanações dos rios dão maior robustez e fórmas ainda mais colossaes ás arvores e ás plantas das margens, a idéa de fazer vergar um desses ramos gigantes até o entrelaçar com um outro ramo d'arvore fronteira occorreu ainda primeiro ao macaco do que ao homem. E era esta, comtudo, a idéa inicial da ponte pensil.

Na America então, no Brazil principalmente, onde os longos, flexiveis e, comtudo, fortissimos cipós pendem das arvores como tranças de verdura; nunca foi outro o systema praticado pelos indigenas para atravessarem uma pequena corrente d'agua ou uma pequena alagôa dum a outro lado. Os colonisadores adoptaram o methodo que era bom e commodo. A idéa transplantou-se para o velho mundo, e inspirou, provavelmente, a Scamozzi as breves linhas do seu tratado. Essas linhas caíram na mente d'algum pensador, florejaram na imaginação doutro, vieram a fructificar no espirito de terceiro. O fructo só sazou nos fins do seculo passado, e, como de costume, colheu-o a Inglaterra. A primeira ponte pensil de ferro puxado á fieira foi construida sobre um rio inglez proximo de Durham.

Esta idéa foi, como era de suppôr, correcta e aperfeçoada, modificada até chegar quasi á perfeição, a reunir todas as condições de solidez e de elegancia. Os Ingлезes levaram a idéa ás suas extremas consequencias. Depois de pendurarem as suas pontes a uma altura inacessivel ás mansas aguas dum rio, ousaram zombar com ellas da furia das vagas do Oceano. Em 1826, uma ponte pensil de ferro ligou á costa d'Inglaterra a ilha d'Anglesea, que della fica separada por um estreito braço de mar. É essa ponte a que a nossa gravura representa. Se alguma vez um sonhador de chymeras me dissèr que dahi a tres ou quatro seculos uma ponte pensil unirá o continente da Europa ao continente da America, declaro desde já que não meneio a cabeça com ar de duvida. Para os nossos paes, para nós mesmos não foi uma utopia o cabo transatlantico?

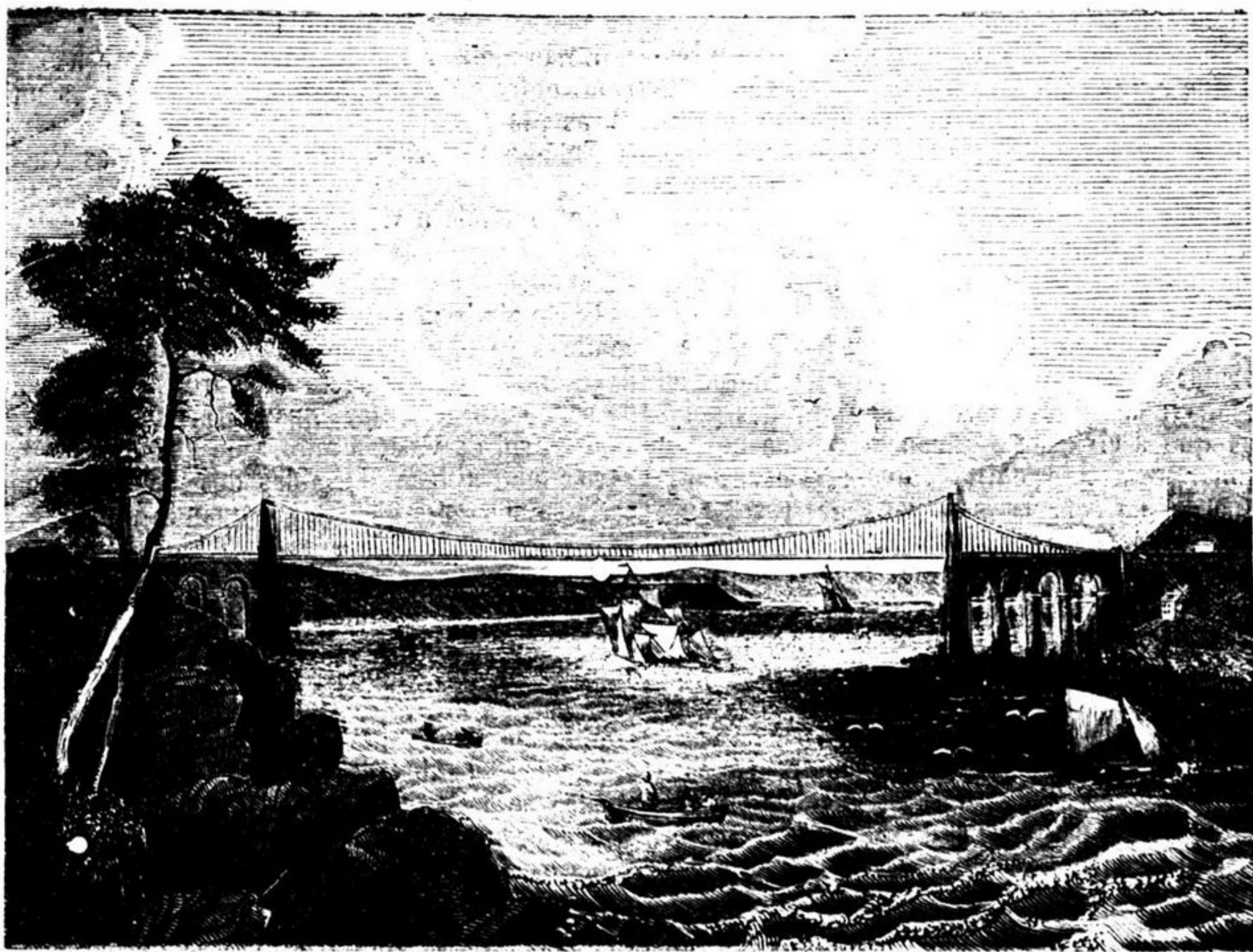
A ponte d'Anglesea consta de sete arcos de cantaria, quatro dum lado, e tres do outro. Cada um delles tem cincoenta pés de largura.

Nas extremidades dos arcos elevam-se dois pilares, nestes pilares assentam quatro fortes amarras de ferro batido, que supportam o estrada da ponte por meio de vergalhões de ferro. As amarras tem 1714 pés de comprimento. O centro da ponte fica guindado a uma altura tamanha que, por baixo della, pôde passar, com as vélas desferidas, uma fragata de guerra.

A antiguidade pagã contou entre as sete maravilhas do mundo o celebre colosso de Rhodes,

(2) *Considerations sur les principaux événemens de la Révolution Française.*

(3) *Epanaphoras de varia historia portugueza.*



A ponte pensil d'Anglesea.

por entre cujas pernas passavam também, como que envergonhados da sua pequenez, os maiores baixéis dos povos dessas eras. Hoje existe no mundo uma ponte, que está muito longe de ter uma fama universal, que está muito longe de ser contada entre as maravilhas dum mundo fértil em prodígios, e que impõe a mesma humilhação a navios da actualidade, navios que podiam ter por escaleres as formidáveis naves dos antigos.

É verdade que, sobranceiro á ponte, pousando um pé em cada margem, roçando com a frente as nuvens ostenta-se outro colosso. Esse colosso é o genio do homem.

M. PINHEIRO CHAGAS.

EUGENIO PELLETAN

(Continuado de pag. 9)

III

Tinham passado seis annos depois da leitura que me produziu tamanha impressão. O que são seis annos, pelos tempos que vão correndo, em que a electricidade, como um demonio subtil e volátil, corre, salta, vóa, expande-se, parte e chega ao mesmo tempo, zombeteia das distancias e dos homens que julgaram avassalal-a; umas vezes undivaga, immersa nos seios oceanicos e surgindo de repente em praia deserta, gelada, que ella opulenta e aviva com o seu magico poder, porque esse poder é o abraço do velho mundo com o

mundo novo; outras vezes, terrestre, apoiando em postes erectos e firmes os seus fios conductores, os quaes, como os de Ariadne, guiam o homem, The-seu das novas eras a vencer o minotauro, o monstro do desconhecido; outras vezes ainda, fluido incoercivel, transformação do calor, conjuncto de vibrações multiplices, *ether aeris*, como se quizesse olvidar que o raio é filha delle e não de Jupiter, dobra-se a todos os caprichos da industria obedece a todas as indicações da sciencia.

O que são seis annos, neste seculo em que o homem pompeia e arrasta o manto da sua realza no olympo, que creou a tanto custo, e com tanto suor, no olympo, cujo vasto ambito abrange o mundo e a lama da terra, aonde se revolvem, como em charco immenso, esses milhões de desherdados, que gritam, ululam de fome, contorcem-se nas garras omnipotentes da miseria e reprobos do progresso, bastardos de reis, fracos, porque são ignorantes, baqueiam, tropeçam, caem nos trivialios do vicio, e na sua queda, salpicam de sangue e lodo a aurea quadriga da civilisação, cujas rodas esmagam e abafam a ultima imprecação á sociedade mardrasta?

O que são seis annos neste seculo de annos theses formidaveis, de mutações repentinas e esplendentes, de incompreensiveis magias, quando bastam quatro revoluções sideraes para que o viajante, levado por um dragão de azas igneas galgue a

distancia entre o Tejo e o lago Ladaga, entre Lisboa e S. Petersburgo?

O que são seis annos no seculo da locomotiva que corre desenfreada e offegante, que vive e respira, que é a poesia, a expressão vivaz, eloquente do movimento, machina poderosa, que parece sentir a sua força, hyppogripho voador, licórne fervente, ora impetuoso, ora submisso, cujas entranhas são carvões accesos, cujo suor é agua fervente, cujo respirar é vapor escaldante!

Seis annos agora valem por vinte, por trinta, em antigas épocas.

Seis annos são o tempo de circumvolver a terra; visitar os anthropophagos da Nova-Zelandia ou de Ombay; lastimar a sorte mesquinha dos polynesios que a civilização europea esmaga no seu caminhar magestoso e implacavel; fumar o cachimbo da paz com os selvagens da Tasmania; respirar os miasmas queimadores de Sumatra; abraçar em um aneio de amor todas essas ilhas que, como Amphitrite, surgiram do oceano indico e reclinadas no seu berço de coral, são beijadas docemente pela onda amorosa; e depois, pescar perolas em Ceylão e Ophir, disputar primarias com o indo-china, que espreita as feitorias europêas com olhos de rapina; lutar com o maratha, mais feroz que o tigre de Bengala; assistir ao supplicio das viúvas do Malabar; costear Coromandel; visitar emporios; ver o Ganges,

..... e o gentio
Qu'inda bebe o licor do santo rio;

adorar a serpente na Africa; galgar o Atlas, cujos pincares cobertos de neve eterna zombam dos raios aprumados do sol; visitar as pyramides, mumias de granito contendo mumias humanas; e, afinal, perdido no horisonte o derradeiro *fellah* descendente do escravo cophita, passar em guisa de descanso, alguns mezes em Pariz e Londres, e admirar as maravilhas das duas capitães da Europa. E se tudo isto não se faz realmente; se a poucos é dado correr assim, neste vortice vertiginoso, a imaginação, por pouco que lhe demos largas, abraça o mundo em seis annos.

A imprensa, riqueza commum, oceano immenso, ao qual tributam todos as pareas do seu saber e dos seus trabalhos; a imprensa espalha por toda a parte thesouros inexgotaveis de sciencia; e por ella gosa o homem do dom da ubiquidade. Lendo e estudando está em toda a terra, vê tudo, nada lhe escapa.

Assim nos faz a época, ou antes, porque esta é a verdade, assim fizemos a época.

Devo, porém, ajuntar que outro motivo mais forte do que a acção corrosiva do tempo alterára completamente o meu pensar.

Eu contava dezoito annos quando li Pelletan. Nessa idade aurea, cheia de dulcissimos enganos e infindas aspirações; nessa idade, em que a creança, como a chrysalide, se metamorphosêa em homem, e crente no futuro, antevê vastos horisontes e vastissimas conquistas nos dominios do desconhecido; nessa idade, em que impera a imaginação, a qual cria, sem esforço, mundos

novos, que povôa a seu bel-prazer; oh! quem não acreditará na consoladora, na poetica idéa de perfectibilidade absoluta?!

Então ainda o raciocinio frio e severo não entrou, entre dôres agudissimas, pelo são das mais puras illusões.

Então ainda não sentimos retalhadas as entranhas pelo escalpello da analyse.

Então ainda a vida tem ecos, que respondem, assim á gargalhada franca, como ao suspirar sentimental.

Então ainda não evocamos do tumulto, em cujas sombras se esconderam para sempre, os amigos da infancia, que morreram; flores que o vento do sepulchro desfolhou, quando mais se espanejavam ao sol da vida, á aurora do porvir!

Nas noites bem dormidas dos dezoito annos, cortadas de raras insomnias, quando um bom livro, um livro amado e estremecido nos acompanha, nesse velar cheio de prazeres, não sentimos ao pé de nós, a sombra tenue do amigo morto, que rumoreja tristemente e lembra com o saudoso fallar dos finados, os prazeres, que gosámos, as venturas, que desappareceram, todo esse mundo phantastico do passado, de esperanças e desalentos, de dores e fruições, de triumphos e quedas, e tudo isto, atravez do poetico véo do preterito, do véo diaphano e magico, que transmuta os objectos e lhes dá uma feição sentida.

Aos dezoito annos, como a brisa é doce no seu murmuro! como as folhas fremem e suspiram na floresta! como o proprio cipreste se meneia airoso no cemiterio e protege com a sua rama sombria e recatada, os goivos que fallam de amores com a alma da donzella! como os espiritos da noite agitam os ares com as suas azas, phalenas, melancolicas, borboletas nocturnas, pyrilampos phosphorescentes, que povôam de visões o sonhar da mocidade!

Mas quando os annos vão passando na sua correria medonha, e as lagrimas, menos abundantes, se tornam acres pela evaporação; quando a morte vae ceifando em torno a nós a ceára das pessoas queridas, que nos amparavam nas dores e compartiam alegrias; quando de noite as sombras caminham silenciosamente e apontam para o sepulchro, donde saíram; quando o enthusiasmo nos fallece e já as quebradas forças nos tolhem impetos generosos contra uma acção injusta e ignobil; quando o mar, que desenrola as suas ondas, já não nos infunde aquella suprema melancolia, aquelle respeito reconcentrado devido á magestade do infinito; quando a primeira duvida, como um bandido, que salteia o viajante no meio da estrada, e quasi ao sair do poyado, assalta o nosso espirito; quando fazemos a primeira interrogação á nossa alma, ao vermos tanta injustiça abafada pelos clamores da orgia humana; quando a uma duvida sobrevem outra, a esta mais outra, e milhares dellas, cardumes infinitos, legiões infernaes, que nos infectam com a baba e nos repuxam para traz, entre gargalhadas, ao tempo que a fé, cada vez mais tibia, luzeiro quasi extinto, que bruxuleia

tão longe, tão longe, nas trevas dum paraíso ignoto; oh! quando tudo isto acontece, e entramos no segundo acto da vida, a poesia foi-se, e, d'envolta com ella, a crença no progresso continuo.

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

A HYPOTHESE DE PROUT

(Continuado de pag. 2)

II

Qual era essa força mysteriosa, insuperavel, fatal como a sentença do destino, implacavel como o cutelo do algoz, que obrigava os adeptos a proseguirem, apesar de tantos desenganos e flagícios, na sua obra absurda, sem methodo, sem ordem, sem leis naturaes? Qual o motivo desse pesquisar aventuroso? Qual a idéa que instava os alchimios, porque não se comprehende, que o homem, sempre racional até nos seus desvarios, procure durante tantos seculos, sem um fito bem determinado e concreto? Qual o fanal, que os allumiava e dirigia? Se alguém fizesse estas perguntas aos alchimios, que cada dia, com invencivel pertinacia, aguarentavam bens e vidas, com o despreendimento dos verdadeiros sabios, não saberiam elles responder.

Sophisticações, sublimações, conjunções, separações, congellações, disjunções e connexões da philosophia hermetica, tudo isto era sem methodo, tudo isto era empirico, era obra de um entusiasmo paciente e teimoso, que não se deixava vencer pelos maiores desenganos, e até pela morte ignominiosa no cadafalso e na fogueira. É que a alchimia, essa filha de Hermes, era mais do que o desejo vão de alcançar e fruir riquezas.

Outro motivo mais alto e nobre concitava os sabios.

Se entravam nos palacios dos reis e poderosos da terra, por alcançarem auxilio e soccorro, quantas vezes se entranhavam nas criptas dos mosteiros, e trabalhavam só pela sciencia e para a sciencia?

Esse motivo era a intuição, uma força mysteriosa, um impulso natural, que se sente e não se conhece, e que o mesmo é produzir os seus effeitos, que apparecer ao sabio como Christo ás mulheres do Evangelho, que choravam a morte do Mestre.

Era a intuição, a crença na harmonia do Universo, a crença na simplicidade das causas e effeitos. Que importava que os esforços fossem mal dirigidos e concatenados? Que importava essas puerilidades, esses erros grosseiros, que se repetiam periodica e fatalmente? A sciencia ganhava todavia, e a esses, que chamam a alchimia uma longa orgia, é licito perguntar se por ventura essa orgia não vale mais, e não foi mais fructifera, do que o marasmo, o esquecimento, que, necessariamente, tivera lugar, se por ventura a doutrina hermetica não assaltasse todos os animos.

Durante a idade media é bello ver estes soldados intrepidos, surgindo das cinzas mais robustas; das de cada vez mais invenciveis derrotas,

ateiando sempre o fogo sagrado, e caminhando inconscientes, mas convictos.

E que segredos não revelaram, no meio de tantos erros! Que grandes homens não conta a historia nessas épocas! Alberto o Grande, Raymundo de Lulle, João Rey e tantos outros não menos illustres.

Se alguma cousa ha que culpar, é a doutrina do phlogistico iniciada por Stahl. Essa sim, que substituia a observação a theoria, ao real o ideal. Essa sim, que antepunha a propria natureza o systema. Filha de Aristoteles, a doutrina phlogistica teve artes de escurecer a aureola de dois grandes genios: João Priestey e Scheele, os quaes, largando o voo ao seu talento, fariam de certo maiores conquistas, e haviam de dilatar o horizonte da sciencia, se ousassem desprender-se como Lavoisier, do rochedo de Stahl.

A alchimia tinha pois uma rasão de ser, uma rasão que vale todas as outras, porque é absoluta, increata, inherente ao senso intimo, e não circumstancial, occasional, filha do tempo, varia com elle, e com elle mudavel.

Essa rasão, superior a todas, porque é ingeni-ta e concita ao eterno ancisar do homem para o desconhecido — é, como acima dissemos, a intuição.

Foi a mesma intuição que allumiou e conduziu Pythagoras nas suas pesquisas grandiosas, e Aristoteles nas suas investigações formidaveis; foi a mesma, que, apesar de todos os convícios, arras-tou Copernico, Kepler, Galileu e Newton, assim como já havia instado o syracusano e o divino philosopho de Athenas.

É loucura buscar o porque da intuição, porque este é de si o derradeiro porque, a que o homem subjectivo póde chegar na analyse do seu pensamento. A intuição é o fatalismo da intelligencia, se por ventura ha algum elemento fatal no cogitar humano. A intuição é a luz interior, que allumia uma época e lhe dá a feição propria e caracteristica na feição proeminente de um homem. A intuição é a força ignota, que compelle uma geração para um determinado fito; e a geração caminha, combate, lida, morre afinal, mas depois da victoria, abraçada ao lábaro symbolico da idéa, que a instigou.

Porque rasão, no promontorio de Sagres, nessa lingueta de terra quasi africana, batida dos ventos, accommettida da braveza das ondas, se alevantou uma academia nautica, donde saíram os primeiros navegadores? Porque? Quem o sabe! Foi o Deus ignoto que os conduziu. Foi a intuição, e nada mais.

Mas para que accumular factos? Para que amontoar citações, se a historia philosophica da humanidade nos está demonstrando a cada passo esta verdade?

É a intuição o movel dos grandes esforços e grandes inventos, que mudam as civilisações, abalam imperios, e transformam a face do mundo.

A intuição é o germinar de uma idéa no cerebro sciente, consciente e livre da humanidade,

sem que aparentemente haja um quê de fatal nessa impulsão harmonica.

(CONTINUA)

A. OSÓRIO DE VASCONCELLOS.

A NOIVA DO CADAFALSO

(Episodio da guerra do Roussillon)

I

PRELIMINARES HISTÓRICOS

(Continuado de pag. 10)

Quando a divisão portugueza entrava em linha, respirava um pouco a republica, graças aos esforços sobrehumanos da Convenção. Comtudo, ainda numerosos desastres tinham assignalado a segunda metade do anno de 1793. O exercito do Norte, depois de abandonar o acampamento de Famars, fortificára-se no acampamento de Cesar. Tinha feito este exercito um numeroso consummo de generaes. Dumouriez maculára a gloria adquirida em Valmy e em Jemappes com a sua deserção para o inimigo. Dampierre tomára o commando, e morrera no campo de batalha. Succedera-lhe Custine, que fôra guilhotinado, victima da sanguinaria desconfiança dos heroicos e terribes representantes do povo. Kilmaine fôra chamado a esse posto duplamente perigoso pelas forças de que dispunha, e pela sombria fiscalisação dos emissarios do governo. Ameaçado a um tempo na frente pelo principe de Coburgo, e no flanco direito pelo duque de York, tendo apenas trinta e cinco mil homens para se defender contra setenta mil, Kilmaine faz uma bella retirada e vem fortificar-se no acampamento de Gavrelle. Cambray cae no poder do inimigo; Dunkerque é sitiado pelos inglezes. Em presença destes novos perigos julga se indispensavel um novo general a esse exercito que já devorou quatro. Houchard substitue Kilmaine. A victoria de Hondshoote, cuja consequencia foi o levantamento do cerco de Dunkerque e a retirada do exercito inglez, justificou a escolha. Mas entretanto o principe de Coburgo tomava a praça de Quesnoy. Houchard, proseguindo o curso dos seus successos, repelle os hollandezes do principe de Orange de Werwick, Rouce, Halluin, e Menin. Mas em Bisseghem, num combate contra os austriacos de Beaulieu, apodera-se um terror panico do exercito da Republica que foge em desordem até Lille. Os fructos da batalha de Hondshoote perdiam-se ainda antes de sazoados.

Como de costume, foi demittido o general infeliz. O exercito do Norte recebeu um sexto chefe. Era Jourdan. Moço e ardente favoreceu-o a fortuna. A victoria de Wattignies, ganha a 16 de outubro, muito mais decisiva que a de Hondshoote, salvou a França.

Na fronteira oriental houvera as mesmas alternativas de victorias e derrotas. Os tres exercitos da Mosella, do Rheno e dos Vosgos conglobados num só tinham-se fortificado nas linhas de Weissemburgo, onde se quebrára a impetuosidade do general inimigo Wurmser. A 11 de setembro os commandantes dos tres exercitos reunidos,

Desaix, Dubois, e Michaud tinham tentado repellir o inimigo, e haviam soffrido uma derrota em Pirmasens. No dia 13 de outubro as linhas de Weissemburgo foram perdidas; o exercito austriaco de Wurmser e o prussiano de Brunswick invadiram a Alsacia, os Vosgos, e fizeram tremmer a França já invadida pelo Norte e pelo Sudoeste. O joven general Hoche salvou a fronteira, repellio os invasores, desbloqueou Landau, e foi formar os seus quartéis de inverno no territorio inimigo.

Na Italia os piemontezes haviam tentado atacar em setembro o acampamento do exercito dos Alpes e tinham sido repellidos. O general austriaco Dewins quizera com tres ou quatro mil homens fazer uma ligeira tentativa contra o exercito do Var, fôra repellido em Isola, e voltára para os seus quartéis. Desse lado não só a fronteira não fôra profanada, mas até mesmo Saboya conservára-se sujeita ás armas francezas.

Os trinta mil revoltados da Lozère tinham sido batidos pelo representante do povo Fabre, que se encaminhava para o exercito dos Pyreneos Orientaes. Essa insurreição, que poderia ser terrivel, dissipára-se com um sopro.

Lyão, depois de prodigios de heroismo praticados pelos seus defensores, caíra no poder do exercito republicano. Carteaux dispersára, com dois tiros de peça, os insurgentes meridionaes, entrara triumphante em Marselha, e fôra siliár Toulon. A ephemera insurreição federalista agonisava, e nas provincias do sul as vinganças barbaras dos convencionaes maculavam a gloriosa victoria dos soldados.

A formidavel guerra da Vendéa terminava a sua primeira phase. A guarnição de Moguncia, transportada para o Poente, lançára na balança o peso das espadas de Kléber e de Aubert-Dubayet, dirigindo vinte mil soldados experimentados por todas as provações de um anno de guerra contra os melhores exercitos da Europa. Comtudo fôra terrivel o combate. A entrada em campanha dos *Mayençais*, nome pelo qual eram designados os valentes de Moguncia, assignalou-se com a victoria de Luçon. Mas as rivalidades dos generaes favoreceram a insurreição realista por um momento desanimada. A voz dos seus heroicos chefes, Bonchamp, d'Elbée, Lescure, Larochejacquelin marcham de novo os Vendéanos contra os oppressores do infantil Luiz XVII. As tropas republicanas são derrotadas em Coron: Canclaux retira sobre Nantes. O perigo da republica chega ao seu auge. Porém a victoria de Chollet, e a morte dos principaes chefes da revolta fazem parar os insurgentes, já no caminho de Pariz. A insurreição é repellida para o sitio onde nascera. Mas, como Anteu, tomava novas forças tocando no solo da patria.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

Toda vaidade é ridicula; mas nenhuma tanto como a vaidade de um traductor.

LA HARPE.